

Compartilhar de dons, mundialmente; a relação entre missão e Ciências da Religião

Saskia Ossewaarde - van Nie

Introdução

“Compartilhar de dons, mundialmente”. Eis aqui o lema que a “minha Igreja” (expressão tipicamente brasileira) — as Igrejas Reformadas na Holanda — escolheu para a sua missão no biênio 1987 e 1988. Depois de dois anos de trabalho no Brasil, eu e a minha família visitamos a Holanda por alguns meses, para avaliar este trabalho feito e para relatar nas comunidades as nossas experiências brasileiras. Durante estes encontros, duas perguntas se repetiam:

- como a senhora liga missão com Ciências da Religião? Divulga a palavra de Deus ou a do Diabo? Com a sua matéria corre-se o risco que os estudantes caiam em tentação. Se isto for o caso, talvez seja melhor acabar com esta sua missão.
- o tema da nossa missão hoje é “compartilhar de dons, mundialmente”. Compartilhar quer dizer: dar e receber ao mesmo tempo. Da nossa parte, fica claro o que nós damos, ou seja, uma contribuição com o envio de uma missionária. Mas será que nós podemos receber algo também? Ou fala-se de compartilhar, somente para evitar nos nossos próximos algum complexo de inferioridade?

Ao meu ver, estas perguntas têm a sua importância, tanto para os membros da IECLB, quanto para os reformados na Holanda. Aqui, eu quero respondê-las a partir de experiências pessoais, brasileiras e holandesas. Talvez este pequeno artigo possa ser uma modesta contribuição dentro destas duas Igrejas que procuram ser conscientemente missionárias. “... E sereis Minhas testemunhas”.

1. Missão e ciências de religião

A primeira vista, missão e Ciências da Religião não são exatamente noções que se atraem mutuamente. Para dizer a verdade: estudando teologia numa universidade estadual, fiz uma opção consciente, durante alguns anos, em favor das Ciências da Religião, matéria ensinada na época por um professor que era um convicto ateu, e contrário à missão. Assim, dediquei toda a minha atenção às religiões não-cristãs e perdi de vista o posicionamento da Igreja. O postulado da incondicionalidade do cristianismo não era uma preocupação para mim. Hoje não sei se foi uma situação ideal, mas pelo menos não fiquei perturbada por uma visão cristã e, exatamente, a ausência dela criou um clima favorável para, realmente, estudar e tentar entender uma variedade de fenômenos religiosos.

Não foi uma tentativa fácil. Quem pode acompanhar os sentimentos mais íntimos, mais profundos do seu próximo? Além disso, tratou-se de um estudo acadêmico, de pesquisa literária, de exposições e de interpretações teóricas. Depois deste estudo, a mudança para o Brasil foi um grande passo. Saí da Holanda mais como cientista de religiões do que como missionária. Senti-me, em primeiro lugar, chamada por minha profissão. Talvez presentisse que o desafio no Brasil poderia implicar riscos, embora este sentimento não fosse expresso. Quem, por primeiro, expressou a preocupação com riscos foram os estudantes da EST. No que diz respeito a isso, gostaria de fazer três anotações:

a) Em primeiro lugar: o ser humano, seja onde for, seja o que fizer, corre riscos. Nós podemos decidir casar, aceitar um convite, escrever um artigo e, em todo nosso agir, nós nos abrimos até certa medida. E abrir-se é sempre mais ou menos perigoso: nunca se sabe qual a reação que será provocada. Também quando o ser humano não age, se comporta passiva ou neutralmente, age e é vulnerável. Portanto, se queremos ministrar Ciências da Religião, devemos assumir riscos.

b) Segundo: a IECLB decidiu, anos atrás, criar um espaço dentro do currículo da Faculdade de Teologia, para um primeiro encontro com tipos de fé não-luteranos. Ou seja, a IECLB aceitou um desafio, um risco, porque permite que jovens, que estão em busca de si e de um certo lugar dentro da Igreja, que se preparam para um futuro pastorado, encontrem neste caminho ainda um tanto indefinido outras religiões, outras convicções religiosas, não-cristãs.

Dentro deste contexto, qual a tarefa das Ciências da Religião? Acredito que a resposta a esta pergunta depende muito de quem admi-

nistra esta matéria. Todas as religiões são fenômenos únicos e merecem ser tratadas como tal. Quando procuramos realmente entender uma religião a partir de si mesma, a pergunta pela divulgação da palavra de Deus ou do Diabo perde o seu sentido. O apologeta que acha necessário indagar as assim chamadas religiões diabólicas, para que possa, depois, numa comparação, concluir que seu cristianismo é a verdade mais verdadeira, se engana duas vezes. Uma, porque ele mostra não querer entender nada de outras expressões de fé. Por outra, porque a nossa fé cristã, quando a consideramos realmente como um dom divino, chega a ter um caráter totalmente absoluto e objetivo, e, portanto, não precisa de uma comparação com outros para se manter. Para quem se dá conta disso, dissolveu-se grande parte da tensão entre missão e Ciências da Religião. Mas, dito isso, as Ciências da Religião podem ter ainda uma função dentro e fora da formação de teólogos? Acredito que sim.

Nós crescemos e mudamos mentalmente, e também espiritualmente, por meio de nossas experiências e novos entendimentos. Enriquecemos no contato com o próximo, que nos influencia, de uma maneira invisível. Nos encontros com outros seres humanos, queremos conhecê-los e isto implica em conhecer seu lado religioso que nem sempre é cristão e, muito menos, luterano.

Certamente poderemos crescer na nossa vida religiosa, tomando conhecimento da fé deles. Além disso, conhecimento e entendimento podem nos ajudar a superar um medo não expresso, irracional pelo desconhecido. O que nós podemos denominar, entender, manejar, não exerce, tão facilmente, poder sobre nós.

Finalmente, creio que Ciências da Religião possam nos guardar do cego automatismo na nossa Igreja. O ver outras formas de fé, ritos e cultos, estimula a auto-reflexão. De repente, o evidente não é mais tão evidente, e nós começamos a perguntar pelo porquê da nossa religião.

Parece, então, que a IECLB tomou uma decisão prudente, quando admitiu Ciências da Religião. Provavelmente, o risco teria sido maior, se ela tivesse optado por uma atitude de distanciamento, neste "paraíso religioso" que se chama Brasil. Pois uma igreja auto-suficiente, que não quer conhecer o país, na qual está inserida, e a sua população, e que se isola, se torna uma igreja estática e isto é o pior que pode acontecer.

c) Em terceiro lugar, é preciso observar a pessoa do cientista das religiões. Suponhamos que seja uma pessoa devota. Quer dizer, uma pessoa constantemente em busca de Deus, mas que nunca tem, possui Deus. "O verbo ter é a morte de Deus", diz o poeta Moacyr Félix. Fé traz dúvidas consigo, não oferece uma certeza garantida. Portanto, a fé deve

ser ensaiada. Cultos, p. ex., são verdadeiros exercícios de fé. Neste sentido, a repetição de ritos tem sua importância. Repetição em ler a Bíblia, em comemorar festas. Assim, somos lembrados, renovadamente, como era, quais os planos de Deus conosco. “Por que esta noite é diferente das outras”, pergunta o filho judeu ao seu pai na noite de Páscoa. E o pai conta, mais uma vez, toda a história. Mas, apesar de todos os exercícios: fé é fé e nunca vai ser ciência. Todos nós vamos sentir dúvidas, vez por outra. E, vivendo esta certeza incerta, o cientista das religiões se expõe a um caminho religiosamente desconhecido, ele é um pioneiro.

No amplo mundo religioso pode-se fazer descobertas lindas, e o pioneiro encontra no Brasil uma riqueza de experiências religiosas e se sente atraído por elas. Possivelmente, ele corra riscos que mexem com a sua própria vida de fé. A dúvida pode surgir mais facilmente no seu coração. Dedicar-se completamente no trabalho com religiões não-cristãs exige bastante. Conheço vários colegas que, para reencontrar seu “equilíbrio espiritual”, gostam de officiar cultos aos domingos. Desta maneira, eles praticam sua fé, para que fiquem firmes.

Mas uma religião diferente pode evocar respeito e simpatia pela maneira como são expressos, em rito e mito, os sentimentos mais profundos do sobrenatural. Isto me leva à segunda pergunta.

2. Compartilhar de dons, mundialmente

Para começar com o mais difícil: o que um cientista de religiões — no meu caso, alguém que vem de além-mar — pode contribuir para a vida de cristãos no Brasil, mais especificamente, na IECLB? Medir resultados concretos no trabalho não é possível. Acima, indiquei o caminho das Ciências de Religião e agora prefiro expor o que, no processo de receber e dar, eu recebo nos encontros religiosos no campo de trabalho.

Aqui, observando religiões não-luteranas, quero distinguir conteúdo e forma; a fé e a maneira de expressá-la. Conteúdo e forma, duas categorias diferentes, são estreitamente interrelacionados. A fé religiosa é expressa em tempo e espaço e tem, então, um aspecto formal, visível. Primeiramente, vou falar sobre forma e conteúdo separadamente, depois vou retomar os dois juntos.

a) **Forma.** Especialmente nos contatos com outros tipos de fé, podemos redescobrir “belezas clássicas”, quase esquecidas. Um exemplo destas é a dança, a dança religiosa. Ela é a forma mais antiga de arte e a única que se movimenta, simultaneamente, no tempo e no espaço. O

dançarino e sua dança são um. Recursos, como p.ex. instrumentos de música, em princípio não são necessários. No Brasil, a dança é muito típica nas religiões afro-brasileiras.

Até certo ponto, cada dança é um êxtase: o dançarino se esquece de si, desprende-se do seu contato com o mundo e quebra a rotina de vida cotidiana. A dança inclui um momento em que não é mais o dançarino que domina o ritmo, mas o ritmo o dançarino, assim que ele não sabe como parar. O médium que dança esquece, em êxtase, seu corpo e seu espírito e cria espaço para o contato entre este e o outro mundo: um espírito desce nele. No rito da dança extática, o médium sacrifica a sua identidade para receber espíritos. Vemos nas religiões de possessão que a dança tem papel imprescindível e que ela está intimamente ligada à fé de que espíritos podem baixar em seres humanos e possuí-los. O divino se expressa claramente no humano.

Nesta forma exuberante não se encontra a dança nas igrejas cristãs. Aqui, a forma corporal da expressão da fé é reduzida ao mínimo, mas felizmente, não desapareceu por completo. Embora o cristianismo não seja originalmente uma religião dualista, muitas vezes se considera corpo e alma como dois elementos diferentes, contrastantes e identificados com o mal e o bem, respectivamente. A antipatia da Igreja com o carnal certamente não provém da sua tradição judaica. Na festa "Alegrria da Lei" (**Simchath Torah**), os rabinos dançam na sinagoga com o rolo da **torah** nos braços. E como já disse: a dança não desapareceu completamente nas nossas igrejas. Algo desta forma estilizada e rítmica de mover-se é preservado. Tem seu sentido que o pastor não anda dispiçentemente, mas sim se locomove com passos solenes: a dança tomou forma de cerimônia e o corpo beira o estático.

O quanto a forma precisa do conteúdo para preservar seu sentido, e vice versa, nós percebemos quando a nova geração não entende mais o ritmo e a música da nossa liturgia e vai em busca de novas formas de expressão religiosa.

b) **Conteúdo**. Muito importante e comum no Brasil, mas para mim quase uma novidade, é a maneira aberta de falar sobre a fé. A palavra Deus parece estar na ponta da língua (e não somente em palavrões). Nós devemos nos treinar em dizer o inexpressável, em dizer o que nos comove profundamente. Neste sentido estou recebendo muito. No meu país e até na minha Igreja, não se fala tão facilmente sobre a fé. Eu acho isso uma pena e, pessoalmente, no meu trabalho de agora, estou perdendo grande parte desta inibição. É só no novo contexto cultural, religioso que

eu, como missionária, aprendo a transmitir algo da minha fé. Esperemos que, um dia, de volta para a Holanda, possa compartilhar este dom recebido para estimular o diálogo na minha Igreja.

c) **Avaliação da forma e do conteúdo.** Teoricamente, forma e conteúdo são uma unidade harmoniosa. Quando a forma cültica não é exuberante, como na IECLB, e quando o movimento rítmico, o dançar, é mínimo, pode ser que aqueles que estão por fora, falam de uma igreja estática. Porém, não acredito que esta característica de uma igreja depende da medida em que a dança está integrada em seu culto. Ainda assim é possível que o desejo de adotar mais movimento, mais dança religiosa, cresça. E é bom encontrar formas novas — ou melhor: bem antigas — para aplicar no culto. Mas deve-se lembrar que a comunidade eclesial, na sua diversificação, é uma. Numa comunhão, onde todos podem celebrar, confessar juntos no culto, tem que estar claro para os membros porque se elabora diferentes formas para expressar esta única fé.

Uma outra questão bem interessante é assumir, copiar formas usadas em outras religiões. Nas religiões, mediúnicas se vê a dança como elemento necessário e positivo. Assumindo este elemento, não podemos negligenciar todo o quadro religioso. Não são raras as situações nas quais avaliamos positivamente a forma e negativamente o conteúdo, apesar de todos os aspectos que possivelmente nos unem com “os outros”. E surge um dilema. Na comemoração dos 100 anos de abolição oficial da escravidão, presta-se atenção à conscientização negra. Um padre negro, há pouco visitando a EST, representou, na sua própria pessoa, o diálogo e o dilema: ele disse que a cultura afro no Brasil só vai se manter nas religiões mediúnicas, afro-brasileiras, e isso ele quer apoiar de todo o coração. E, enfaticamente, sublinhou coisas importantes que o cristianismo tem em comum com estas religiões: o monoteísmo, o mandamento do amor e da caridade. Mas crer que Deus se revelou também em outras religiões, não-cristãs, obviamente não basta para este padre; raramente visita terreiros de Candomblé ou da Umbanda, porque justamente ali se sente inibido. Quando pensamos em adotar certas formas, p. ex. a dança, por causa de uma apreciação da Umbanda ou de Candomblé, devemos cuidar com duas coisas:

— adotar uma forma sem enchê-la com conteúdo de fé induz a formalismo.

— deixar de lado o conteúdo original, implica no perigo de puro folclore. E com todas as tentativas de conscientização negra, seria grande discriminação negar o diálogo sobre a fé. Um real diálogo acontece,

quando não somente perguntamos pelas questões raciais, culturais, mas também pelo conteúdo da religião. Assim, o compartilhar mundial de dons adquire uma abrangência bem maior.

Bibliografia

- ASSMANN, H. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis, Vozes, 1986.
- Comunicação do ISER — **Oxalá e Jesus**. Rio de Janeiro, nº 21, 1986.
- LEEUW, G. Van der. **Phaenomenologie der Religion**. Tübingen, Mohr, 1956.
- LEEUW, G. Van der. **Wegen en Grenzen; een studie over de verhouding van religie en kunst**. Amsterdam, H.J.Paris, 1955.
- LEWIS, I.M. **Religieuze extase**. Utrecht, Het Spectrum, 1972.
- SACHS, C. **De geschiedenis van de dans**. Utrecht, Het Spectrum, 1969.